

RESENHA

“SAIR DA GRANDE NOITE: UM ENSAIO SOBRE A ÁFRICA DESCOLONIZADA”

de Achille Mbembe¹

Ermelinda Liberato²

Extraordinário! Eis como podemos caracterizar o presente trabalho de Achille Mbembe, conhecido e reconhecido filósofo, cientista político, historiador, intelectual, professor e pesquisador africano, neste trabalho que, apesar de ter sido publicado originalmente em língua francesa em 2010, somente em 2014 o mesmo foi traduzido para a língua portuguesa, uma ousadia das Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (FCS-UAN, Angola), em colaboração com as Edições Pedago (Portugal). Por meio de uma narrativa fluída, assertiva, firme e descritiva, Achille Mbembe propõe-se, assim, fazer um *check up* geral sobre o estado de saúde do continente, tanto em nível físico como afetivo, emocional e psíquico, analisando questões chave e ao mesmo tempo sensíveis, como colonização, descolonização, miscigenação, entre outros. O autor delinea assim, com nitidez, um quadro teórico rigorosamente bem fundamentado e bibliograficamente bem documentado, munido de contradições e ambiguidades, que no fundo constituem as características do próprio continente, o que nos obriga a reflexões mais profundas e cuidadosas.

O objetivo geral da obra, a “interrogação sobre a comunidade descolonizada” (p. 19), nos é apresentado logo na introdução (p. 19-30) onde o autor reforça a posição sobre a necessidade do debate e da crítica em torno do assunto. Para o efeito, começa por caracterizar o conceito de colonização:

¹ Mbembe, Achille. *Sair da Grande Noite: um ensaio sobre a África descolonizada*. Luanda; Mangualde: Edições Mulemba; Edições Pedago, 2014.

² Instituto Superior de Ciências da Comunicação. Luanda, Angola. E-mail: ermelinda.liberato@gmail.com

“imenso abismo” (p. 19), assente numa “rede de dependência e supremacia” (p. 22), com uma “capacidade de proliferação e metamorfose” (p. 19) impressionante, alimentado pela “força do falso” (p. 19), responsável pela implementação e consolidação de um sistema econômico de extração e predação (p. 23), um sistema político assente em manipulações, “à mercê de sátrapas”, agrilhando os africanos no geral numa condição de “indignidade, desprezo e humilhação” (p. 23).

Todas essas questões são discutidas e aprofundadas nos capítulos que se seguem. No capítulo I (p. 31-48), *A Partir do Crânio de um Morto. Trajetórias de uma Vida*, Mbembe recorre à memória e traça uma biografia de si próprio na primeira pessoa: “nasci” (p. 32), a sua infância na sua terra natal (Camarões), a adolescência e posteriormente a partida para o mundo (França e Estados Unidos da América), a sua experiência “fui em larga medida, fruto da primeira idade do pós-colonialismo” (p. 35) e posterior retorno ao continente onde se fixou na Universidade de Wits, na África do Sul, na qual se depara com um país fragmentado, ainda agrilhado às amarras do *Apartheid*. Essa circulação pelos três continentes tornou possível o acesso e o contato com os “aspectos da cultura erudita” (p. 41), “o acervo do saber e pensamento humanos” (p. 41), transformando-o orgulhosamente num “sucessor legítimo desse património” (p. 41).

Mbembe mergulha igualmente nas origens do pan-africanismo e da negritude, dois movimentos políticos e culturais que tinham condições para formarem ideologicamente os filhos do continente, de modo a se registrar uma *Abertura ao Mundo e ascensão em humanidade* (p. 49-77), mas que também não lograram os seus propósitos. E para explicar melhor a sua posição, o autor utiliza como exemplos o Haiti, “primogênita da descolonização” (p. 53) e a Libéria, o protótipo da criação de “um estado negro cristão, moderno e civilizado” (p. 55), dois países em dois continentes distintos mas que passaram pelo mesmo processo e, tanto num caso como no outro, o resultado é o mesmo: “duas falhas” (p. 53), que sustentam a ideia de que a “descolonização foi uma mera categoria política, polêmica e cultural” (p. 49) e não uma verdadeira libertação do homem negro em todas as dimensões.

Nos capítulos III e IV, o autor aborda o papel colonizador da França no continente, bem como a sua posição depois das independências das suas colônias, enfatizando a relação entre colonizador e colonizado, dominante e dominado, explorador e explorado, que permitiram o estabelecimento de um sistema de “proximidade sem reciprocidade” (p. 79-99) que permanece no presente. A sua “incapacidade de pensar a pós-colônia” (p. 86) levou a uma forma de neocolonialismo, ou seja, um colonialismo renovado, porém

assente nos pilares do velho colonialismo. Como a França insiste no seu “narcisismo cultural” (p. 87), convencida que ainda é o “centro do mundo” (p. 88), dá-se assim o “declínio de uma nação cristalizada” (p. 81) navegando em contracorrente, mergulhando assim num “longo inverno imperial” (p. 101-139) caracterizado pela “regressão relativa de um pensamento” (p. 103) e desejo de provincialização (p. 122-131) que continuam a alimentar um estado senil de doenças póstumas da memória (p. 131-139).

Esse contínuo estado de negação do Outro leva o autor a qualificar o continente como *a casa sem chaves* (p. 141-163), que se caracteriza sobretudo por uma “nova urbanidade crioula e, em muitos aspectos, cosmopolita” (p. 145). Neste quinto capítulo o autor foca a sua análise na construção das fronteiras no continente, nas suas múltiplas dimensões, tendo como ponto de partida para a sua análise a Conferência de Berlim (1884-85), que sucedeu ao período do tráfico de escravos, até à submissão dos primeiros movimentos de resistência, identificando o petróleo e os restantes recursos naturais como a nova fronteira que inauguraram “novos ciclos de extração e predação” (p. 149). Acontecimentos que definiram a “estruturação colonial dos espaços económicos” (p. 143) desiguais, estabelecidos em função dos interesses de exploração. E as consequências são bem visíveis: informalidade, ajustamento estrutural, “capitalismo atomizado” (p. 146), assimetrias acentuadas entre o espaço rural e o urbano, o militarismo e o lumpen-radicalismo, a institucionalização da violência como modo de vida, entre outras.

Em virtude disso, novos colonialismos foram sendo edificados, com a utilização de um vocabulário mais suave e sob a máscara de *Circulação dos mundos* (p. 165-190). Neste último capítulo, Mbembe analisa conceitos como desenvolvimento, Estado e Nação, as questões de gênero, as rápidas transformações sociais, a sexualidade, o HIV/AIDS, entre outras e, propõe uma nova corrente de pensamento, que denomina de afropolitanismo, que se caracteriza por uma “tomada de posição política e cultural em relação à nação, à raça e à questão da diferença em geral” (p. 187). O que o autor reclama é, sobretudo, o debate e a crítica sobre o pós-colonial na África, pelos africanos, nas academias africanas, descentralizando, ou descolonizando o mesmo em relação ao ocidente, um “pensamento que pensa o seu possível fora de si mesmo, consciente dos limites da sua singularidade” (p. 192).

Sair da grande noite retrata acima de tudo a África pós-colonial, os seus projetos, as suas perspectivas, os seus sonhos traídos, as suas desilusões, enfim, a África na sua plenitude enquanto África, livre das amarras do passado, e da sua necessidade de caminhar sozinha à procura da sua própria existência. *Sair da grande Noite* não é mais do que “anterior à vida”, a busca

pelo "sol mais brilhante e de estrelas mais puras" (p. 20), ou seja, a construção de um local melhor para se viver, onde o sol nasça, as estrelas brilhem e a lua ilumine o canto mais recôndito do continente. Urge ao continente e aos africanos encararem essa realidade e olharem "para aquilo que é novo" pois somente assim será possível "descerrar novos tempos, para si mesma e para a humanidade" (p. 194).

Recebido em 31 de janeiro de 2020

Aceito em 7 de abril de 2020